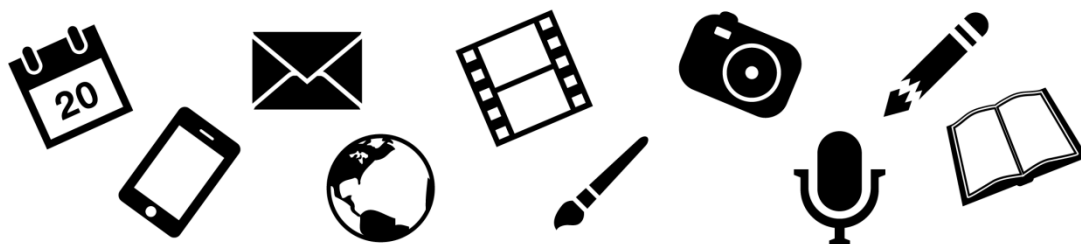




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

20 e 21 de setembro de 2014

Diário Catarinense

Cacau Menezes

"Boa"

Boa / Eduardo Cavallazzi / Bem-estar Animal / Prefeitura Municipal de Florianópolis / Samuvet / Cesar Souza Junior / Hospital veterinário público / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

BOA

Eduardo Cavallazzi, o Dudu, filho do Renato e da Marita, diretor do Bem-Estar Animal da prefeitura de Florianópolis, que emplacou mídia nacional com seu projeto Samuvet, o primeiro serviço público de atendimento a animais feridos no país, agora auxilia o prefeito Cesar Souza Junior na implantação do primeiro hospital veterinário público do Estado, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Diário Catarinense

Cacau Menezes

Mostra fotográfica Diálogos nos Banheiros Femininos da UFSC e Outras Sonoridades / Armazém Vieira / Chantalla Furlanetto / Clarissa Cunha / Juliana Jensen Cechinel



JU CLEMENTI, DIVULGAÇÃO

A abertura da mostra fotográfica *Diálogos nos Banheiros Femininos da UFSC e Outras Sonoridades* no Armazém Vieira foi bem alegre. A surfista Chantalla Furlanetto, a designer paulista Clarissa Cunha e Juliana Jensen Cechinel em frente a um dos quadros. No banheiro

Diário Catarinense
Artigo
"Energia Solar Fotovoltaica"

Energia Solar Fotovoltaica / Sérgio Colle / Professor / Departamento de Engenharia Mecânica / UFSC / José Goldemberg / Departamento de Energia / USP / Setor energético brasileiro / Governo federal

ENERGIA SOLAR FOTVOLTAICA

SERGIO COLLE
Professor do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC



Artigo do professor José Goldemberg (Departamento de Energia da USP), "Energia no próximo governo federal", publicado em O Estado de S.Paulo (15/9), retrata fielmente o estado crítico do setor energético brasileiro, decorrente até mesmo da ingerência governamental na agência reguladora do setor. Ele mostra que o governo federal não respeita o direito dos consumidores de optar livremente na compra de energia no mercado, seja ela convencional ou renovável. Resta a esses receber informações sobre decisões (autoritárias) já tomadas pelo setor.

A propósito, texto já publicado neste espaço lastreado no apelo de que a energia fotovoltaica é uma opção economicamente interessante para o consumidor brasileiro não passa de um sofisma retórico. Sendo o Brasil o país do consumo imitativo, é esperado que se apele até mesmo para a política de energia fotovoltaica da Europa, mesmo que esta tenha sido rejeitada por iniciativa da Alemanha, por ser a mesma insustentável sem robustos subsídios do Estado. O consumi-

Dizer que a energia solar é interessante para o brasileiro não passa de um sofisma retórico

dor não sabe, por exemplo, que o custo do megawatt-hora de cogeração térmica oriunda do bagaço da cana-de-açúcar é de 47 dólares, enquanto o custo desta unida-

de de energia fotovoltaica é de 117 dólares. Explica-se por que no leilão de energia da Aneel, a ocorrer em outubro, se concede um subsídio para a fotovoltaica de R\$ 230 por megawatt-hora.

É oportuno ressaltar que a tecnologia de produção de etanol, açúcar e potência termoelétrica é inteiramente nacionalizada e que as usinas são interligadas à rede nacional de transmissão de energia elétrica. Dados publicados pela Unica, evidenciam que cada gigawatt térmico gerado pelo setor sucroalcooleiro agrega uma economia de água de 4% nos reservatórios hidrelétricos. Ademais, essa energia é complementar a matriz energética nacional, entre abril e novembro (meses de estiagem), de modo a regular a oferta renovável. Estima-se que em 2021 a cogeração da cana poderá agregar a potência equivalente a três usinas Belo Monte. Como vemos, o Brasil foi deslocado do eixo de sua própria realidade.

Diário Catarinense
Sua Vida
"Remédio com Polêmica"

Remédio com Polêmica / Derivado da maconha / Uso medicinal / Canabidiol / Epilepsias graves / Brasil / Agência Nacional de Saúde / Anvisa / CBD / Anticonvulsivo / Conselho Federal de Medicina / CFM / Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto / Universidade de São Paulo / USP / Cristina Jark Stern / Pós-Doutorado / UFSC / Farmacologia / Cannabis / Esclerose múltipla / Alzheimer / Parkinson / Doenças inflamatórias / Esquizofrenia / Fobia social

USO MEDICINAL | **DERIVADO DA MACONHA**

REMÉDIO COM

O CANABIDIOL, USADO para tratar principalmente epilepsias graves, segue proibido no Brasil, mas é a esperança

KARINE WENZEL
karine.wenzel@diario.com.br

Um derivado da maconha com potencial medicinal representa a esperança de tratamento para pelo menos 80 de famílias que aguardam liberação junto à Agência Nacional de Saúde (Anvisa). O canabidiol (CBD), substância encontrada na planta, é eficaz no controle de diversas doenças, principalmente como anticonvulsivo. O composto é proibido no Brasil, mas a Anvisa já liberou a importação para 58 casos desde abril.

A substância deve ajudar pacientes com uma possível resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizando a prescrição do remédio. Especialistas gaíntem que o CBD não apresenta efeitos colaterais. Coordenador da Câmara Técnica de Psiquiatria do Conselho Federal de Medicina, Emmanuel Fortes explica que um relatório foi elaborado por especialistas citando mais de 40 estudos sobre a substância, que será a base para que o CFM tenha posição.

– Vemos com muita simpatia a substância, porque efetivamente demonstra ter propriedades para controlar as crises convulsivas e epilepsias de difícil controle para os medicamentos convencionais.

O remédio é de uso proscrito e precisa de autorização especial da Anvisa para importação. A expectativa é que haja uma reclassificação para que o canabidiol passe à lista de substâncias de controle especial – vendido com receita médica de duas vias.

UNIVERSIDADE ESTUDA EFEITOS DA SUBSTÂNCIA

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP) testou o composto em animais e humanos, para o tratamento de doença de Parkinson, esquizofrenia, fobia social e transtornos do sono. Cristina Jark Stern, pós-doutoranda do Departamento de Farmacologia da UFSC, é uma das pesquisadoras do tema e avaliou na tese de doutorado que o canabidiol poderia atenuar a reconstrução de uma memória relacionada à trauma, que influencia alguns transtornos psiquiátricos.

– Concluímos que o CBD prejudica a reconstrução de uma memória de medo. Essa propriedade pode ser útil no tratamento de alguns transtornos de ansiedade – afirma.

Pesquisas mostram que o CBD não produz efeitos colaterais como os da maconha, causados pelo composto THC. Para Cristina, a importação do medicamento deveria ser facilitada para tratar epilepsia e permitir mais estudos.

O QUE A MACONHA DÁ

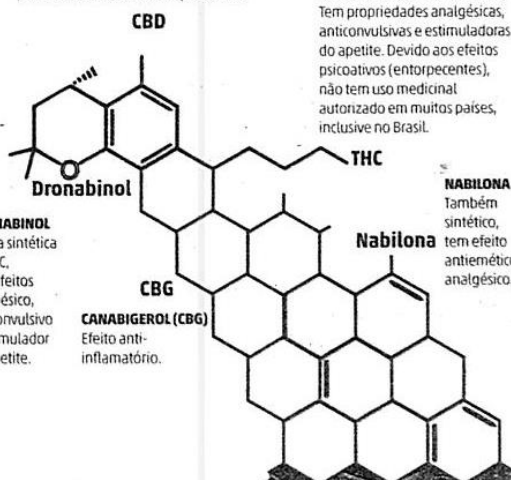
A *Cannabis* tem mais de 400 substâncias, sendo que 60 estão presentes exclusivamente em sua composição

CANABIDIOL (CBD)

Efeitos anti-inflamatório, antipsicótico e anticonvulsivante. Não é psicoativa.

TETRAHIDROCANABINOL (THC)

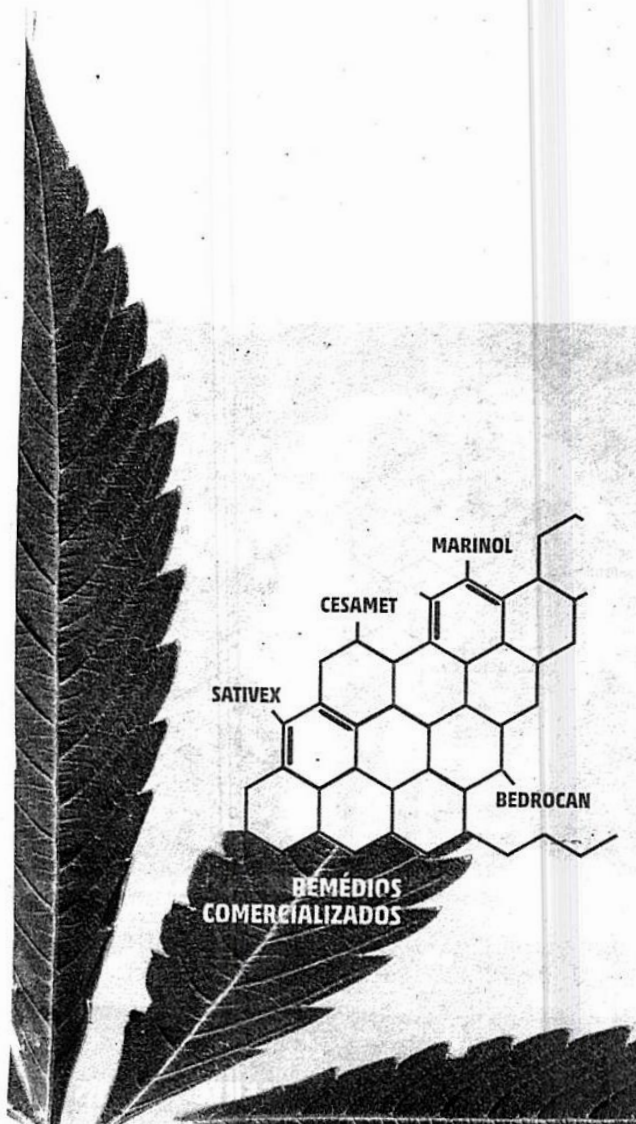
Tem propriedades analgésicas, anticonvulsivas e estimuladoras do apetite. Devido aos efeitos psicoativos (entorpecentes), não tem uso medicinal autorizado em muitos países, inclusive no Brasil.



PRINCIPAIS SUBSTÂNCIAS

POLEMICA

para muitas famílias que registram avanço no controle dos sintomas após iniciar a ingestão de doses



Família de Criciúma, no Sul, luta pela liberação de uso do medicamento

KIARA DOMIT
kiara.domit@diario.com.br

Coisas simples como sorrir, balbuciar sons e responder a estímulos visuais ou auditivos são uma conquista para uma menina de quatro anos em Criciúma, no Sul do Estado. Portadora de CDKL5, rara síndrome genética com apenas seis casos no Brasil, a menina luta contra crises convulsivas desde bebê.

Ela foi capaz de fazer coisas pela primeira vez recentemente, graças ao tratamento com a pasta de canabidiol (CBD). Antes, pouco se movia. Passava os dias deitada, com o olhar inexpressivo, e tinha de 20 a 30 crises convulsivas por semana. Aos dois anos, a menina chegou a sofrer de 15 a 20 crises por dia.

— Ela ficava como uma bonequinha de pano, com o olhar perdido. Nos primeiros dias que a gente começou a dar o CBD ela apresentou melhora. Vai fazer quatro meses que ela está usando e chegou a ter um período de 30 dias sem crise. No último mês, teve apenas quatro ou cinco — conta o pai, cujo nome foi omitido pela reportagem para preservar a família.

MENINA TEM MELHORA COM O TRATAMENTO

Além da visível melhora, ela deixa de depender de medicações que provocavam efeitos colaterais. Foi por meio de uma rede online, que une pais de crianças com CDKL5, que o canabidiol se tornou alternativa para Natália, no final do ano passado. Antes, já haviam tentado todos os anticonvulsivantes disponíveis, sem melhora no quadro.

Empolgados com a resposta ao tratamento com outras crianças, a família decidiu adquirir o canabidiol. Embora tenha a prescrição do pediatra da menina, falta parte da documentação necessária. O pai decidiu pedir ajuda a um amigo para conseguir a pasta, que nos Estados Unidos é vendida como suplemento alimentar e custa cerca de US\$ 500 a unidade.

— O pediatra até prescreveu o CBD, mas não forneceu o laudo e a responsabilidade técnica, esse é o problema — diz o pai.

A ideia é comprovar a melhora por meio de exames para conseguir o aval dos médicos, levantar a documentação e importar o canabidiol legalmente.

ENTENDA

O QUE É

Canabidiol (CBD) é uma das substâncias químicas encontradas na planta *Cannabis Sativa*. A macor tem mais de 400 substâncias, ser que 60 estão presentes exclusivamente na planta.

ESTUDOS E TRATAMENTOS PARA DOENÇAS COMO

Esclerose Múltipla
Doença de Alzheimer
Mal de Parkinson
Doenças inflamatórias, como artr reumatoide
Alguns transtornos do sono
Epilepsia grave
Esquizofrenia
Fobia social

PROIBIÇÃO

No Brasil, o uso da maconha é proibido para qualquer finalidade, inclusive medicinal.

FUTURO

Mesmo que a Anvisa reclassifique canabidiol como substância de controle especial, não há previsão par que seja comercializada no Brasil.

COMO FUNCIONA

Passo a passo do processo para solicitar a importação do medicamento junto à Anvisa:

- Enviar solicitação ao Gabinete do Diretor-Presidente da Anvisa. É importante apresentar os seguintes documentos originais:
 - Prescrição médica contendo obrigatoriamente nome do paciente e do medicamento, posologia, quantidade necessária, tempo de tratamento, data, assinatura e carimbo do médico (com CRM).
 - Laudo médico contendo CID (Classificação Internacional de Doenças) e nome da patologia, descrição do caso, justificativa para a utilização de medicamento não registrado no Brasil.
 - Termo de responsabilidade assinado pelo médico e paciente/responsável legal.
 - O prazo médio das liberações pela Anvisa é de uma semana.
 - Mais orientações para importação: <http://cltc.sc/canabidiol>.

Histórico

Desde abril deste ano, foram concedidas 68 autorizações de importação. Até o dia 20 de agosto, 74 pedidos de importação foram feitos.

Fonte: Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)

Notícias do Dia

Plural

“Escrita teatral em expansão”

Escrita teatral em expansão / Santa Catarina / Brasil / Dramaturgos / Dramaturgia / Álvaro de Carvalho / Lacerda Coutinho / Horácio Nunes Pires / Antônio Cunha / Fábio Brüggemann / Carlos Eduardo Silva / André Silveira / André Felipe / Espetáculo / À Distância: Lado A / Lado B / Florianópolis / Livro / Prêmio Rogério Sganzerla / EdUFSC / Udesc / Círculo Artístico Teodora / Professor / Curso de Jornalismo / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Rogério Christofolletti / Toda Vontade Mora no Útero / Jefferson Bittencourt / Maria Brígida de Miranda / Teatro / Max Reinert / Téspis Cia de Teatro / Denise Luz / Pequeno Inventário de Impropropriedades / Meteoros / Paulo Ricardo Berton / Stephan Baumgartel / Hipotermia / Roberto Alvim / Nazareno Pereira / Marina Monteiro / Christiano Scheine

Escrita teatral em expansão

Nova geração. Com peças em cartaz ou em montagem, autores do Estado começam a ganhar expressão aqui e fora

JULIETE LUNKES
juliete.lunkes@noticiasdodia.com.br

Enfocar o texto que acabou de ficar pronto, após semanas de dedicação integral, simplesmente como um ponto de partida para que outras pessoas entendam e o transformem em algo inesperado pode não ser o exercício favorito de quem vive de criar, mas é preceito básico para uma fatia dessa categoria. Acostumados a momentos de solidão e ideias que surgem em situações mais diversas, os dramaturgos, se não têm consciência disso desde o começo, com o tempo desenvolvem certo desprendimento para

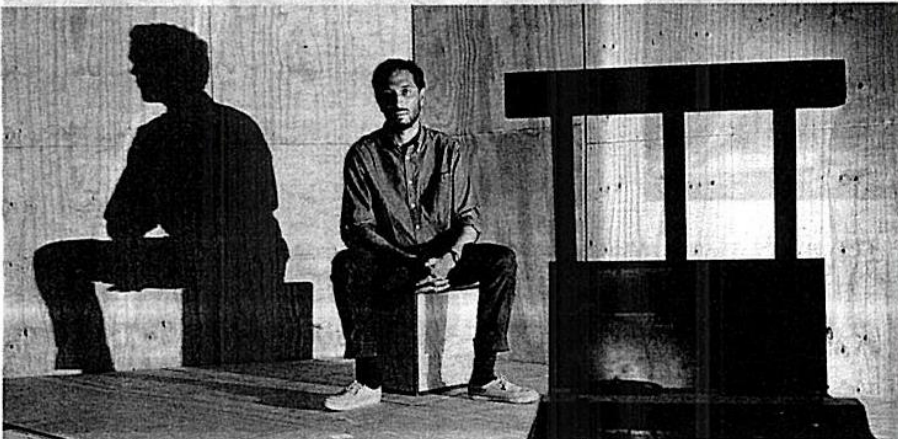
se deparar com sua obra quase sempre transformada. Em cima de um palco, pelo olhar de um diretor e sua particular forma de encarar o texto, uma nova história será criada.

Santa Catarina, assim como o próprio Brasil, nunca pôde se orgulhar de ter uma abundância de dramaturgos de sucesso escondidos atrás de computadores, máquinas de escrever ou mesmo papéis e canetas criando a próxima peça que vai levar centenas de espectadores aos teatros. Em compensação, também não permite que se afirme não haver gente competente se dedicando ao ofício.

Se entre o final do século 19 e o co-

meço do século 20 quem dava as cartas na dramaturgia catarinense eram nomes como Álvaro de Carvalho, Lacerda Coutinho e Horácio Nunes Pires, nas últimas décadas uma renovação no cenário começou a colocar nos palcos novos autores com peças montadas inclusive no exterior. Antônio Cunha, que surgiu na dramaturgia no final dos anos 1970, Fábio Brüggemann, com contribuições cena a partir da década de 1990, e um pouco mais tarde nomes como Carlos Eduardo Silva e André Silveira foram alguns dos que deixaram um rastro de notabilidade para uma geração que agora ostenta peças em cartaz ou em processo de montagem.

FLAVIO THINHO



Novos voos: André Felipe tem textos premiados e seu trabalho já chamou a atenção de grupos e diretores de outras cidades

Descoberta de mercado

Envolvido em uma correria intensa para supervisionar a preparação dos cenários para o espetáculo "A Distância: Lado A / Lado B", encenado na última semana em Florianópolis, André Felipe, autor da peça e diretor da montagem, é um dos nomes recentes da dramaturgia catarinense. Formado em artes cênicas pela Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina), com mestrado no IUNA (Instituto Universitario Nacional del Arte), em Buenos Aires, o jovem de 27 anos tem seis peças escritas, três encenadas e duas publicadas em livro pelo Prêmio Rogério Sganzerla, da EdUFSC. Com a ascensão rápida, ele admite estar em um período de descobertas.

"Eu ainda não tive a experiência de ter um texto meu montado por outras pessoas sem ter qualquer envolvimento com o processo, mas agora estou escrevendo para um grupo de Ribeirão Preto em que isso vai ser diferente", diz.

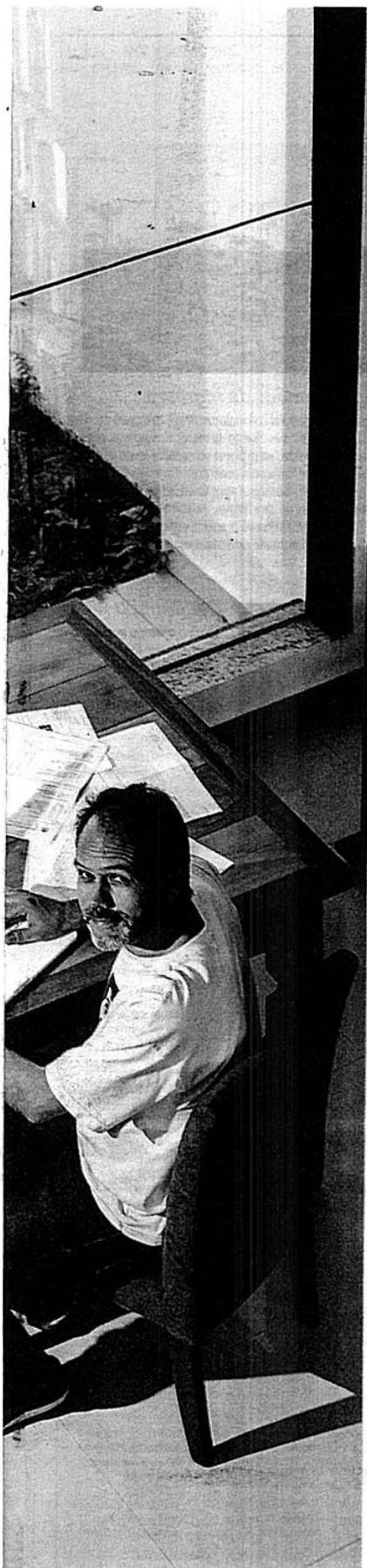
Apesar de já ter chamado atenção de grupos e diretores de outros Estados e ter trabalhado em São Paulo, por enquanto André não alimenta planos de deixar Florianópolis. Além do apego à Dearaque Cia., grupo que ajudou a fundar ainda durante a faculdade, outra razão que o faz ficar é justamente a falta de movimentação na área. Ou o desejo de mudar o quadro.

Integrante de um grupo ainda mais

seleto formado por dramaturgas mulheres, a também atriz e diretora Marina Monteiro já em 2008, três anos após se formar na Udesc, se mudou para o Rio de Janeiro. Sem abandonar os trabalhos com a companhia Teatrando por aí, onde assina peças voltadas ao público infantojuvenil, encontrou lá um campo bem mais amplo, embora ainda longe do ideal. "No Rio há nomes despontando, mas o mercado se fecha em torno de três ou quatro que surgem. É difícil, porque no Brasil não há muitos editais para montagem, então não aparece muita gente", conta ela, que em outubro retorna a Florianópolis com o espetáculo infantil "Tecnópolis, sem livro pra contar história".

DANIEL QUEROZIND





No contraturno, Rogério Christofolletti começou a escrever para fugir da rotina acadêmica: hoje, já tem oito peças escritas

Autodidatas, com produção ativa

Com a sexta peça de sua autoria em processo de montagem pelo Círculo Artístico Teodora, o professor do curso de jornalismo da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Rogério Christofolletti buscou na dramaturgia uma espécie de válvula de escape para a densa rotina acadêmica. Em 2001, sem qualquer pretensão de se tornar uma revelação da dramaturgia catarinense, ele escreveu a peça "Toda vontade mora no útero" para uma amiga dirigir. Desde então, sem uma formação na área teatral que fosse muito além de leituras de outras peças e roteiros, já assinou outras sete.

"Sou muito curioso, muito ligado na trama. O teatro ajuda a melhorar os meus textos, a desapegar, porque eles sempre

sofrem mudanças. No teatro o texto é o ponto de partida", diz ele, que já viu seu trabalho ir ao palco pelas mãos de diretores como Jefferson Bittencourt e Maria Brígida de Miranda.

Ainda que tenha se dedicado ao teatro motivado por encomendas, Christofolletti assume que esse "lado b" é vital para manter a sanidade. "Eu preciso disso, esse lado me oferece momentos de criação que a universidade não permite. À noite ou nos fins de semana, quando não estou na UFSC ou preparando aulas, estou trabalhando nisso e não canso, porque é prazeroso".

Com a mesma ideia de relaxar e deixar a rotina em segundo plano, o ator, dramaturgo e diretor Max Reinert se aproximou do teatro no começo da década de 1990 durante um curso livre na

cidade de Itajaí. No ano seguinte, ajudou a fundar Téspis Cia. de Teatro, ao lado da já experiente diretora Denise Luz, e fez dela sua escola. Hoje já soma sete dramaturgias assinadas, três delas ainda inéditas.

Seus dois primeiros textos, "Pequeno Inventário de Impropriedades" e "Meteoros", segundo Max, até hoje são seus grandes cartões de visita como dramaturgo no Estado. "O interesse que essas peças despertaram fez com que as pessoas comessem a olhar para o meu trabalho. Junta-se a isso as indicações dos professores Paulo Ricardo Berton, da UFSC, e Stephan Baumgartel, da Udesc, dos meus textos nas aulas de dramaturgia", conta. Atualmente sua peça "Hipotermia", escrita durante um curso com o dramaturgo Roberto Alvim, está em cartaz em Florianópolis, estrelada pelo ator Nazareno Pereira.



DIVULGAÇÃO/NO

Inserção. Representante feminina na dramaturgia, Marina Monteiro foi tentar o mercado do Rio de Janeiro

Figura do dramaturgo diluída

Professor do departamento de artes cênicas da Udesc, Stephan Baumgartel considera a dramaturgia um campo duplamente órfão em Santa Catarina. Responsável por iniciativas que a graduação não trata com tanta profundidade, como o projeto Encontro com o Dramaturgo, além de uma oficina continuada na área, ele consegue enxergar alguns motivos para não haver um interesse tão grande dos alunos pela dramaturgia, e um deles é a mudança na forma de realizar montagens. "Para que haja um retorno na área é preciso que peças sejam publicadas, e no Brasil há apenas três ou quatro editoras que publicam. Além disso, hoje em dia muitos grupos não trabalham mais com a figura de um dramaturgo, mas de forma coletiva", diz.

Esse é um dos motivos que fizeram o

dramaturgo Christiano Scheiner, com uma série de peças de sucesso montadas inclusive fora do Estado, dar um tempo da escrita.

"As pessoas não procuram mais textos para montar, os grupos vão tendo ideias, vão ensaiando personagens e tentando montar algo dessa forma. A Udesc forma muito mais atores, de vez em quando surge um dramaturgo, mas que depois acaba indo para a produção, como estou fazendo agora", conta. Apesar do "hiato dramaturgício", seu texto mais recente ficou em quinto lugar no prêmio Funarte de Dramaturgia 2014 em toda a região Sul.

Para Reinert, a principal ação que pode ajudar a desenvolver o trabalho dos poucos dramaturgos que existem é justamente a montagem de seus textos, quando os conceitos são colocados à prova.

M Meneghim Promoções / SETEMBRO

OS BONS TEMPOS ESTÃO DE VOLTA



BROTHERS'
BIG BAND

orchestra

30.SET

Terça-feira 21h

TEATRO DO CIC



CLUBE
ND
Teatro de Rua

50%
Desc.

INGRESSOS: bilheterias dos Teatros CIC, Pedro Ivo, TAC
e site www.mpromo.com.br

VENGAS ON LINE
bluebucket

www.mpromo.com.br

Inf.: 48 3206 5559 / 3206 5550
9968 2491 / 7811 3810

Notícias do Dia

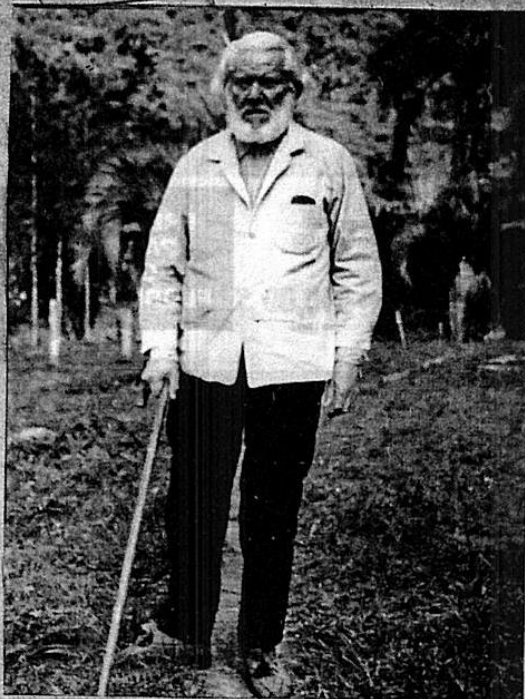
Estado

“Os dramas do “pacificador””

Os dramas do pacificador / Xokleng / Índios / Eduardo de Lima e Silva Hoerhann / Luís Alves de Lima e Silva / Duque de Caxias / Brasil / Alto Vale do Itajaí / Edmar de Lima e Silva Hoerhann / Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann / Edly Kubin Sardá / Funai / Laudelino Sardá / Kathangara / SPI / Serviço de Proteção ao Índio / Ibirama / Edmar de Lima e Silva Hoerhann / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Os dramas do “pacificador”

FOTOS: REPRODUÇÃO



Kathangara. Eduardo de Lima e Silva Hoerhann em dois momentos: como “homem branco” (acima) e quase nu, com arco e flecha, como os índios



Nome indígena na lápide

No final da vida, Eduardo Hoerhann se disse arrependido da pacificação que promoveu. Numa entrevista dada ao jornalista Laudelino José Sardá, publicada na edição de 14 de dezembro de 1975 em “O Estado”, afirmou que, se pudesse, “não voltaria a cometer esse pecado”. Ele afirmou: “O índio pacificado é destituído de tudo. E o pior é que todos ainda cometem esse pecado, inclusive a Funai”. Hoerhann morreu em 1976, antes de completar 85 anos. Foi enterrado em Ibirama, e em sua lápide aparece apenas o nome que os índios lhe deram: Kathangara.

Xokleng. Há um século, jovem de 18 anos promoveu o aldeamento dos índios do Alto Vale do Itajaí

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br
@PC_ND

Há 100 anos, em 22 de setembro de 1914, um jovem chamado Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, bisneto de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (1803-1880), protagonizou um feito que entrou para a história das relações entre índios e brancos no Brasil. Aos 18 anos, vindo do Rio de Janeiro apenas com a qualificação de auxiliar de fotografia, ele promoveu a pacificação entre os Xokleng do Alto Vale do Itajaí e as famílias europeias que haviam sido fixadas na região por conta dos projetos governamentais de colonização do interior do Sul do país. Os desdobramentos desse ato são sentidos até hoje, principalmente pelos índios, que eram nômades e caçadores e foram confinados na reserva Duque de Caxias, que tem 14 mil hectares e ocupa parte dos municípios de José Boiteux, Victor Meirelles, Itaiópolis, Doutor Pedrinho e Rio Negrinho.

Para muitos historiadores, foi o primeiro caso de criação de uma reserva para índios em conflito com a população branca no Brasil. De sexta-feira até este domingo, a Prefeitura de Ibirama (município do qual José Boiteux se emanci-

pou em 1989) realiza uma série de atividades para comemorar o centenário da façanha, incluindo palestras em escolas, homenagens aos familiares de Hoerhann e visitas à reserva, onde vivem cerca de 400 famílias. Entre os presentes estão o historiador, arqueólogo e professor aposentado Edmar de Lima e Silva Hoerhann, último filho do pacificador, e o historiador Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann, bisneto dele, que escreveu em 2012 a tese “O serviço de proteção aos índios e a desintegração cultural dos Xokleng (1927-1954)”, depois transformada em livro, na qual discorre sobre a situação na reserva a partir dos anos 20 do século passado.

A descendência de Eduardo Hoerhann, que teve seis filhos, está espalhada, mas uma pessoa guarda na memória e dentro de casa muito da herança e do espólio do pioneiro – a neta Edly Kubin Sardá. No Baileiro do Estreito, em Florianópolis, onde mora, ela conserva móveis, fotografias, textos e instrumentos utilizados pelos indígenas na caça e nos ataques aos colonos que ameaçavam tomar suas terras. Há fotos que mostram o próprio Hoerhann quase nu, como os índios, manuseando arco e flecha e participando de rituais que os nativos do Alto Vale praticavam em diferentes épocas do ano.

O primeiro contato bem-sucedido

Em 1910, quatro anos antes da ação vitoriosa de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, o governo brasileiro decidiu criar um mecanismo de proteção aos indígenas, cada vez mais acossados pela presença do homem branco que queria expandir as áreas de plantio. Para isso, criou o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), com o objetivo de nacionalizar as comunidades existentes e tentar reduzir os conflitos que pipocavam em diferentes regiões do país.

No caso dos Xokleng, o aldeamento amainou, mas não eliminou as refregas com os colonos e bugreiros (matadores mantidos pelo governo e pelas companhias de colonização), que se estenderam pelo menos até a década de 1940. Ao mesmo tempo, a facção Laklanô radicada no Alto Vale foi se tornando um lugar de homens sedentários e

de vida agropastoril, pelo abandono progressivo das atividades de caça e coleta herdadas dos ancestrais.

O primeiro contato não belicoso da facção com os brancos se deu na confluência dos rios Plate e Hercílio, graças, em boa parte, ao domínio de palavras do vocabulário xokleng pelo funcionário do SPI Eduardo Hoerhann. Ele negociou a outorga de uma área especialmente destinada aos índios, que aceitaram a proposta, mas nunca a assimilaram totalmente. Aos poucos, os nativos foram sendo vitimados por doenças dos brancos e deixaram de executar rituais como a cremação dos corpos dos mortos e o uso do botoque (daí o termo botocudos, como também eram identificados), perfuração dos lábios inferiores dos rapazes que tinha as funções de ritual de iniciação dos homens e de construção da identidade da tribo.



Riqueza histórica.

Edly Kubin Sardá com a mala que o avô trouxe do Rio de Janeiro e que ela doaria no fim de semana ao museu Eduardo Hoerhann

Homem austero e respeitado

Edly Sardá conta que sua mãe Esmeraldina, quinta filha do primeiro casamento de Eduardo Hoerhann e moradora da localidade de Barra Dollmann, se tratava com o dentista Franz Johann Kubin em Victor Meirelles, também no Alto Vale, e que quando terminou o tratamento pediu-o em casamento. Era o ano de 1954, e dois anos depois Hoerhann foi exonerado após ser preso sob a acusação de haver matado um índio. Quando ele morreu, em 1976, Edly tinha 11 anos, mas ela lembra que ia com a mãe e uma irmã passar as férias escolares em Ibirama, duas vezes por ano, e que o avô tinha uma personalidade austera e um olhar azul penetrante. "Tinha um certo medo dele", confessa. "Ele um dia me pediu: 'diga as vogais'. Eu me encolhi na cadeira".

Edly e o tio Edmar resgataram parte do material que Rafael usou, depois, para escrever a tese e o livro sobre Eduardo Hoerhann e os índios da reserva Duque de Caxias. Ela conta que o avô era um homem culto e respeitado pelo conhecimento que tinha, chegando a indicar receitas e cuidar da saúde dos índios. Uma de suas mágoas foi a mãe Carolina, neta do Duque de Caxias, nunca haver perdoado sua decisão de vir ainda adolescente para Santa Catarina.

Uma mala com mais de 100 anos

Filha de pai austríaco, assim como Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, Edly Kubin Sardá exibe uma vitrola de 1929 e uma coleção de discos do avô – que incluem os grandes cantores do rádio no Brasil, Carmen Miranda, tangos de Carlos Gardel e clássicos em vinil – que demonstra o bom gosto do homem criado no Rio de Janeiro que se fixou no Alto Vale. "O aparelho funciona perfeitamente", avisa.

Na sala da casa ainda aparecem uma mesa de canto, um armário e outras peças de madeira que Edly herdou do avô. No andar de cima fica um minimuseu com fotos de Hoerhann vestido como índio no ano de 1913, quando chegou à região, e do cacique Kam Rem, que morreu com 117 anos e foi um dos últimos xokleng a usar o tembetá,

adorno cravado no lábio inferior dos homens da tribo.

Ali também estão flechas e pontas de flecha feitas de pedra, objetos de osso, instrumentos de uso na agricultura, uma velha escrivaninha de madeira maciça e a pia de quarto usada pelo avô, ao lado de pincel de barbear, saboneteira, escova, baú e urinol. E há ainda uma mala mais do que centenária que veio com ele do Rio de Janeiro e que Edly doaria, neste fim de semana, para o museu que leva o seu nome, em Ibirama. Num álbum, ela guarda um poema feito pelo avô em sua homenagem, quando nasceu, e que como outros papéis e documentos quase foi inutilizado por enchentes no casarão que foi da família, perto da Barragem Norte, em José Boiteux.

Parte do material foi resgatado por ela e por Edmar de Lima e Silva Hoerhann, único filho do segundo casamento de Eduardo, que tem 71 anos e passou a morar em Brasília após se aposentar como professor da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Era o espólio que estava na garagem da casa de Setembrino, terceiro filho do pacificador, no bairro Praia Comprida, em São José, que morreu em 2002. Eduardo Hoerhann se correspondia com pesquisadores e antropólogos do mundo inteiro, entre eles o brasileiro Darcy Ribeiro e o americano Jules Henry (que chegou a morar com ele na reserva), além do etnólogo alemão Curt Nimuendaju, grande especialista em assuntos indígenas brasileiros.

Projeto ficou pela metade

Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann, bisneto de Eduardo Hoerhann, atuou como professor convidado do curso de licenciatura indígena da UFSC e conta que ainda hoje a figura do bisavô mexe com o imaginário das pessoas no Alto Vale do Itajaí. "Ele seguiu as diretrizes do SPI de promover o processo de nacionalização dos índios, porque no entendimento da época se considerava correto integrar o indígena à sociedade", afirma.

No entanto, a política oficial nunca foi efetivamente implantada, o que desanimou o pacificador, que foi mudando de ideia por influência de antropólogos como o americano Jules Henry, que achava melhor deixar os indígenas levarem a vida que sempre tiveram. No final, mesmo inocentado da acusação que lhe fizeram, ele perdeu a aposentadoria, após 42 anos de dedicação à causa dos índios, e acabou passando por dificuldades. Tudo isso talvez explique a declaração que deu nos seus últimos anos de que "pacificar o índio é o crime dos crimes".

Notícias do Dia

Eleições

"TCE aponta deficiências"

TCE aponta deficiências / Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina / Secretarias de Desenvolvimento Regional / SDRs / Juliana Souza / UFSC / Sílvio Ferraz Cario / Ivoneti Ramos / Udesc / Raimundo Colombo

ESTRUTURA E CUSTOS

As 36 regionais custaram R\$ 677,6 milhões ao governo do Estado, em 2013, considerando investimentos e custos. No mapa, os funcionários e o investimento em cada uma, com círculos proporcionais aos números de funcionários



Legenda
 ○ Número de funcionários (efetivos e comissionados)
 ● Custos consolidados durante o ano passado

TCE aponta deficiências

Metas descumpridas



Auditoria do Tribunal de Contas detalha funcionamento e analisa o desempenho das regionais

O TCE-SC (Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina) deve concluir, até o fim deste mês, uma auditoria sobre as SDRs (Secretarias de Desenvolvimento Regional). Detalhes sobre o funcionamento e a análise do desempenho são partes do parecer. A manutenção das regionais é o tema do levantamento, realizado pelos técnicos no primeiro semestre de 2014. O trabalho foi autorizado depois de o governo estadual não apresentar um plano de ação, 90 dias após a análise feita no fim maio de 2012, sobre dados de 2011, que recomendou a redução das SDRs ou a apresentação de estudos que demonstrassem a necessidade de manter as estruturas.

No parecer, aprovado pelos demais conselheiros há dois anos e três meses, o relator da matéria, conselheiro Adircléio de Moraes Ferreira Junior, teve como base os gastos e os investimentos das regionais, que demonstram uma centralização, ao invés da previsão legal de descentralização de recursos. Segundo o relatório técnico, essas unidades, em 2011, foram responsáveis pela execução de 4,82% do orçamento estadual. Além disso, os investimentos foram de 31,04% no mesmo ano. Porém, diz o parecer prévio, no comparativo com os dados dos últimos cinco anos, a participação das SDRs apresenta oscilações, "acabando por indicar que os investimentos do Estado ocorrem prioritariamente de forma centralizada."

Em 2011, o total das despesas realizadas pelas SDRs foi de R\$ 613,4 milhões. Segundo o TCE, nos últimos cinco anos, o maior crescimento de gastos ocorreu nas despesas com pessoal e encargos sociais (86,35%).

O parecer sobre as contas do governo em 2011 também analisa as metas escolhidas em audiências públicas e um comparativo de execução. Segundo o relatório, foram definidas 118 ações. Essas propostas foram anexadas à LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) e incorporadas no orçamento. As regionais não tinham "necessariamente" a responsabilidade de executar as ações definidas, mas das 113 subações escolhidas pela sociedade, apenas 23 tiveram alguma execução.

Somente 20,35% das metas selecionadas foram realizadas ou, ao menos iniciadas. Das 36 SDRs, apenas 19 consolidaram despesa nas respectivas ações orçamentárias. "Constata-se, além da programação em valores equivocados, o baixo percentual de execução das prioridades estabelecidas pela sociedade catarinense por meio das audiências públicas, contribuindo de forma decisiva para a desmotivação da participação popular, comprometendo o referido instrumento democrático", apresenta o relatório do TCE-SC que inclui ações das SDRs em 2011.

A nova auditoria do TCE-SC não deve ser julgada antes das eleições. Após a conclusão da área técnica será aberto prazo para o governo apresentar a defesa. As alegações serão submetidas ao crivo do mesmo grupo de auditores que produz um segundo relatório conclusivo. O documento é apresentado ao MPCT (Ministério Público Junto ao Tribunal de Contas), que deve emitir o parecer. Só depois disso o relator propõe o voto e a decisão será deliberada junto aos demais conselheiros do pleno do TCE para decisão definitiva.

Governo interrompeu avaliações em 2010

O governo de Santa Catarina não avalia desde 2010 o desempenho das SDRs (Secretarias de Desenvolvimento Regional). Na última análise feita pela Secretaria de Estado do Planejamento, há quatro anos, todas as 18 regionais classificadas em um ranking tiveram pontuação inferior a 50 pontos, considerado como nível de consolidação. Entre 50 e 100 pontos, o desempenho era classificado como competitivo e, acima de 100, no nível de excelência. Por meio da assessoria de imprensa, a Secretaria de Estado do Planejamento informou que aguarda a compra de um *software* para reativar a avaliação e confirmou que não foi realizada nenhuma outra verificação desde 2010.

Na lâmina sobre o desempenho das duas melhores SDRs avaliadas em 2010 (Jaraguá do Sul e Joinville) os pontos delas caíram entre 2008 (quando o primeiro levantamento de dados foi realizado) e 2010. Jaraguá do Sul, a melhor avaliada, teve pontuação de 58,0 (2008), 40,2 (2009) e 34,0 (2010). Joinville caiu de 59 pontos (2008), para 41,8 em 2009 e 29,6 em 2010.

No primeiro estudo de 2008, o pior desempenho foi registrado pela Secretaria de Planejamento na área de saúde. Na época, o relatório informa a gestão desta área nos meses de maio e abril daquele ano apresentava "nível de desempenho comprometedor para a maioria das SDRs". Segundo a mesma avaliação, o principal problema nas ações das regionais era justamente a centralização das ações na Secretaria de Estado de Saúde e "não atendendo desta forma os preceitos e objetivos da reforma administrativa implementada" pelo governo estadual. "Considerando-se que maioria a das SDRs obteve nível de desempenho comprometedor, depreende-se que as dificuldades de gestão da saúde são comuns a todas as SDRs, não caracterizando-se, desta forma, um problema localizado", afirma o relatório.

Na outra ponta da avaliação, o estudo destacou que os melhores desempenhos foram obtidos nas áreas de "estratégias do gabinete do secretário" e na "gestão da educação". As duas áreas seriam os pontos fortes destas 18 SDRs e que correspondem aos níveis de desempenho de excelência e competitivo.

Estudo acadêmico indica centralização

Um estudo feito em 2013 pelos economistas Juliana Souza (UFSC), Sílvio Ferraz Cario (UFSC) e Ivoneti Ramos (Udesc) reforça a conclusão do TCE-SC (Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina) e indica que as SDRs (Secretarias de Desenvolvimento Regional) não representam, de fato, a descentralização dos recursos do governo estadual, maior argumento do Executivo. O documento intitulado "Descentralização orçamentária nas Secretarias Regionais de Desenvolvimento do Governo de Santa Catarina" analisou dez anos das SDRs, entre 2003 e 2012 e constatou: a redução da concentração de recursos nas secretarias setoriais foi de 93% para 84,5%, em direção aos poderes e não às regionais.

"Percebe-se no acumulado do período de uma década que 85,4% dos recursos orçamentários ficaram concentrados nas secretarias setoriais, em torno de 11% foram previstos aos poderes, em contraposição a 3% de dotação orçamentária para a SDRs", aponta o estudo. "Em dez anos, a quantia prevista para a SDRs (R\$ 4,3 bilhões) foi 27 vezes menor que a das secretarias setoriais (R\$ 117,5 bilhões). Há, portanto, uma concentração dos recursos", revelam os autores.

ENTREVISTA RAIMUNDO COLOMBO

Fim da SDR de Florianópolis

O governador Raimundo Colombo (PSD), candidato à reeleição, defende a manutenção das SDRs, com exceção da regional da Grande Florianópolis, que pretende extinguir. Colombo também defende, sem detalhar, a mudança de perfil das SDRs, dentro do projeto de reforma administrativa, assunto, segundo ele, para depois das eleições e caso permaneça no governo. O novo perfil é citado como alternativa para garantir mais autonomia, agilidade e eficiência nas ações das regionais.

O senhor pretende fechar a SDR da Grande Florianópolis, que tem o maior número de servidores, comparando com as demais regionais do Estado?

Temos que eliminar a [SDR] da Grande Florianópolis sim, não tem sentido a existência dela, porque tudo já está na Capital. Estamos estudando isso dentro da reforma administrativa.

E as demais?

Elas cumprem um papel importante de atuação regional. Por exemplo, o Deinfra [Departamento Estadual de Infraestrutura] cuidava do tapaburacos. Como é que o Deinfra, em Florianópolis, ia saber que uma estrada em São Lourenço do Oeste estava cheia de buracos? Nós passamos essa atribuição, com recursos mensais, para todas as regionais. Agora é fortalecer as atribuições.

Uma pesquisa acadêmica aponta que as SDRs não representam de fato a descentralização. Como o senhor avalia?

Não conheço esses números, mas conheço os do governo. É claro que precisamos acentuar o trabalho de descentralização, repassando cada vez mais atividades. Por exemplo, fizemos a manutenção de todas as estradas, de todas as escolas diretamente pelas SDRs. Estamos estudando um modelo de aprofundar ainda mais esta desconcentração dos recursos, através de cada unidade regional. As principais obras, de maior porte são feitas pela administração central, às vezes numa região está se fazendo uma obra grande, mas não tem lá uma equipe qualificada para isso, fiscalização e acompanhamento lá, por isso é feito por aqui. Isso inverte a lógica de valores. O importante é que o operacional seja feito pelas SDRs.

O TCE pediu um plano de ação para reduzir as SDRs ou apresentar estudos que demonstrassem a necessidade de manutenção. Por que o governo não fez?

Não conheço esse pedido do TCE. Essa informação é nova para mim. A gente tem um estudo profundo, fizemos todo o levantamento para a reforma administrativa e já tomamos atitudes como, por exemplo, o plano de demissão incentivada e adequação das estruturas e vencida essa etapa, caso reeleito, nós temos pronto o estudo jurídico, administrativo e financeiro de compactação da máquina pública. Esse estudo cria um novo conceito das SDRs, mas a nossa ideia é fortalecer as diferenças regionais, culturais e econômicas. A presença do governo e o tratamento diferenciado para cada região é importante.

“

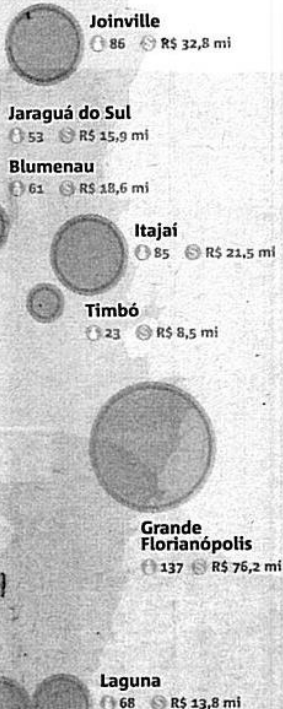


“Temos que eliminar a [SDR] da Grande Florianópolis sim, não tem sentido a existência dela, porque tudo já está na Capital.”

RAIMUNDO COLOMBO, CONFIRMANDO O FIM DA REGIONAL NA CAPITAL

“A ideia é fortalecer as diferenças regionais, culturais e econômicas. A presença do governo e o tratamento diferenciado para cada região é importante.”

RAIMUNDO COLOMBO, SOBRE O ESTUDO QUE CRIA UM "NOVO CONCEITO" ÀS SDRs



FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA

DESPESAS

Dados do governo estadual

R\$ 677,6 milhões
Valores totais

R\$ 287,1 milhões (42%) Investimento

R\$ 257,3 milhões (38%) Custeio

R\$ 132,8 milhões (20%) Folha, incluindo os encargos sociais

4,82%

Percentual apontado pelo Tribunal de Contas sobre a participação das SDRs no orçamento do governo

8,5%

Percentual de recursos descentralizados, em dez anos, segundo estudo de professores das universidades federal e estadual catarinense

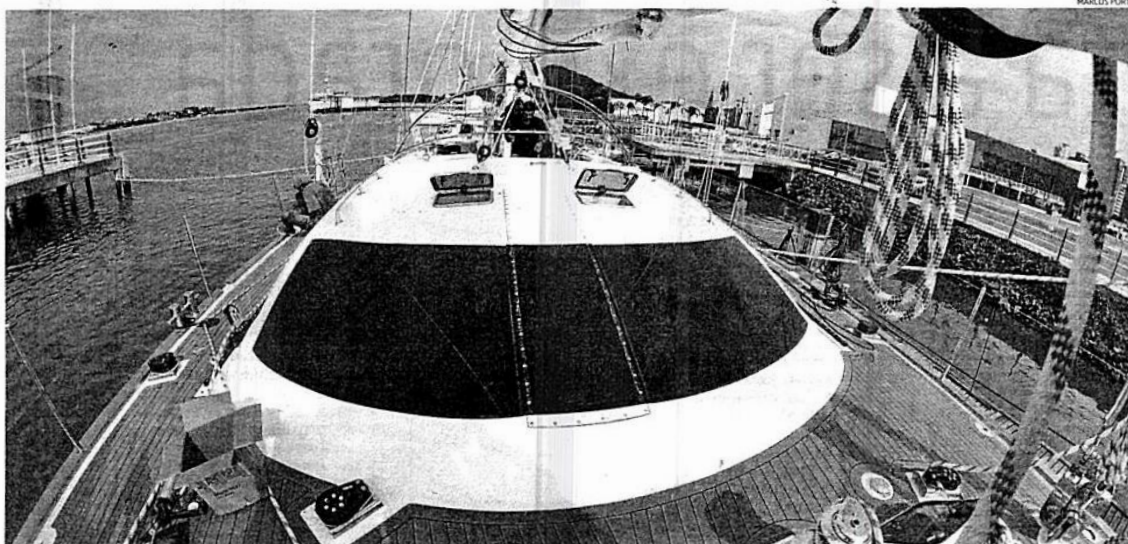
Nova aventura é pelo oriente / Família Schurmann / Fernão de Magalhães / Gavin Menzies / Professora / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Aline Dias da Silveira / Renato Pereira Brandão / Chineses

NOTÍCIAS

(48) 3216-5535
Editor: Ivan Rodrigues
ivan.rodrigues@diario.com.br

DIÁRIO CATARINENSE,
DOMINGO,
21 DE SETEMBRO DE 2014

9



Novo veleiro, batizado como Kat, substituirá embarcação utilizada por mais de 30 anos

NAVEGAÇÃO | VIAGEM PELO GLOBO

NOVA AVENTURA É PELO ORIENTE

FAMÍLIA SCHURMANN PARTE este domingo de Itajaí para uma viagem de dois anos e meio onde pretende refazer a rota que teria sido feita por chineses um século antes de Fernão de Magalhães

VICTOR PEREIRA

victor.pereira@osoldiario.com.br
Itajaí

Passar 10 anos no mar, se tornar a primeira família brasileira a dar a volta ao mundo em um veleiro e depois refazer a rota do português Fernão de Magalhães – que em 1519 comandou aquela que ainda é considerada a primeira circum-navegação da história. Tudo isso não foi suficiente para manter os Schurmann em terra.

Neste domingo a família parte de Itajaí para mais uma volta ao globo, desta vez por uma rota mencionada na teoria de Gavin Menzies. O inglês afirma que os chineses teriam sido os primeiros a circum-navegar pelo mundo.

Depois de quase dois anos e meio de preparação, a Expedição Oriente zarpa da Vila da Regata com 12 tripulantes e muita espec-

tativa. O objetivo: buscar respostas sobre a teoria 1421, divulgada em 2002, defendendo que a China teria descoberto o mundo.

A expedição – que vai durar dois anos e três meses – percorrerá cinco continentes e 29 países e territórios, terá duas novidades: a estreia da terceira geração da Família Schurmann em alguns trechos da rota – com a presença de Emmanuel, filho de Pierre e neto de Heloisa e Vilfredo Schurmann – e a mudança de “casa” – sai de cena o veleiro Aysso, depois de quase 30 anos, e entra o Kat.

VELEIRO SUSTENTÁVEL E COM TECNOLOGIA DE PONTA

A nova embarcação foi batizada em homenagem à caçula dos Schurmann, a menina adotada aos três anos morreu em 2006, aos 13, devido a complicações decorrentes do vírus HIV.

O veleiro foi projetado por arquitetos de Itajaí e é o primeiro construído pela família – em um estaleiro do município. A embarcação tem tecnologia de ponta e é exemplo de sustentabilidade.

Entre os destaques estão a iluminação de baixo consumo (LED) em toda a embarcação, geração de energia limpa por fontes eólicas, bicicletas ergométricas com turbinas (que também servem para manter os tripulantes em forma) e uso de sistemas de reciclagem de resíduos, além de equipamentos modernos e ecologicamente corretos que garantem melhor desempenho, infraestrutura e condições de acomodação e navegação.

A terceira volta ao mundo dos Schurmann se diferencia ainda pela proposta de interatividade. As redes sociais e o site oficial da aventura (expedicaooriente.com.br) terão um Diário de Bordo,

com postagens sobre os principais pontos da viagem e um game online, que dará prêmios.

O resultado de mais esse sonho da família começa a ser conferido domingo. E se engana quem pensa que a história termina em 2016, no retorno dessa viagem. Antes de ganhar os mares novamente, o capitão Vilfredo adianta:

–Se Deus quiser e der tudo certo, quando voltarmos vamos ficar uns seis meses em terra e já sair para outra aventura. Essa não será a nossa última volta ao mundo.

Veleiro de SC

A Kat, nova embarcação da família Schurmann, foi feita em um estaleiro de Itajaí, ponto de partida da viagem



Este conteúdo foi produzido pela equipe de O Sol Diário. Acesse www.osoldiario.com.br

SEGUIE NAS PÁGINAS 10 A 14

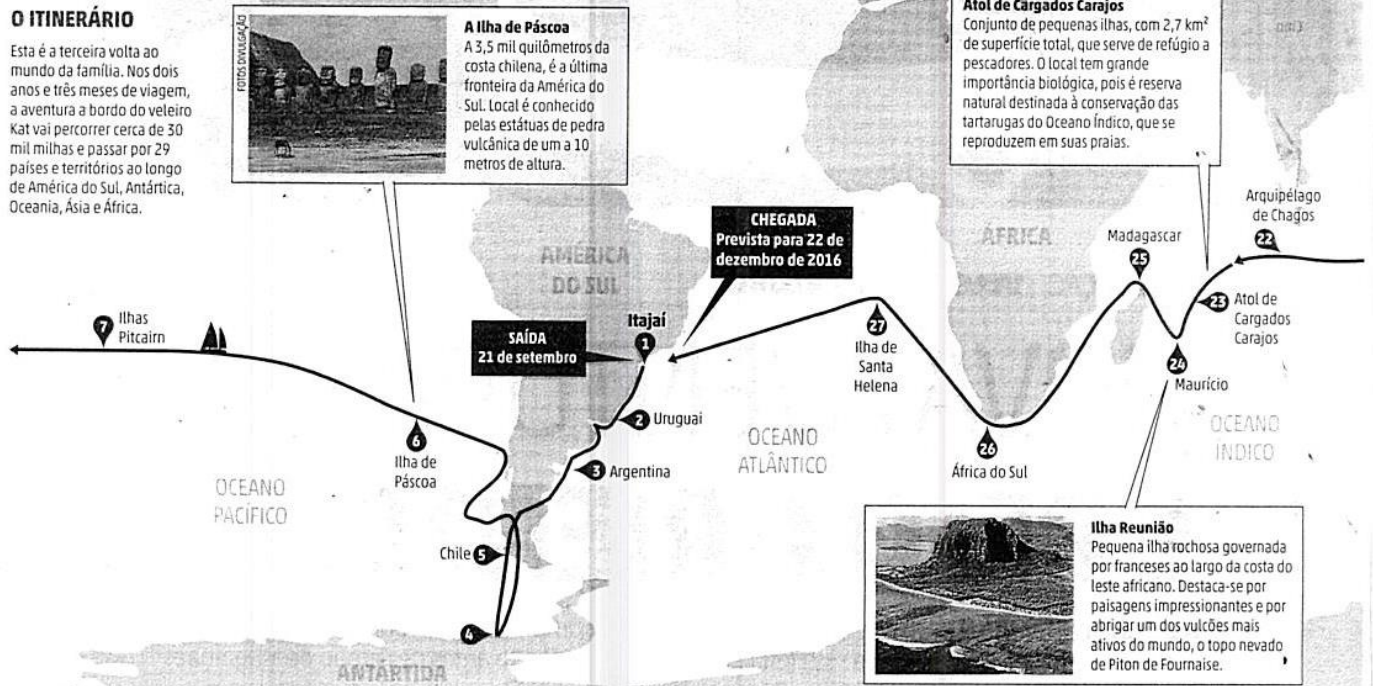
Rota a ser explorada

Reportagem **VICTOR PEREIRA** Infografia **FÁBIO NIENOW**

Com 15 tripulantes a bordo, a família Schurmann parte neste domingo para a nova aventura que passará por cinco continentes. Rota começa em Itajaí e segue em direção ao Uruguai. Último destino antes do retorno a Santa Catarina é a Ilha de Santa Helena.

O ITINERÁRIO

Esta é a terceira volta ao mundo da família. Nos dois anos e três meses de viagem, a aventura a bordo do veleiro Kat vai percorrer cerca de 30 mil milhas e passar por 29 países e territórios ao longo de América do Sul, Antártida, Oceania, Ásia e África.



A Ilha de Páscoa
A 3,5 mil quilômetros da costa chilena, é a última fronteira da América do Sul. Local é conhecido pelas estátuas de pedra vulcânica de um a 10 metros de altura.



Atol de Cargados Carajos
Conjunto de pequenas ilhas, com 2,7 km² de superfície total, que serve de refúgio a pescadores. O local tem grande importância biológica, pois é reserva natural destinada à conservação das tartarugas do Oceano Índico, que se reproduzem em suas praias.



Ilha Reunião
Pequena ilha rochosa governada por franceses ao largo da costa do leste africano. Destaca-se por paisagens impressionantes e por abrigar um dos vulcões mais ativos do mundo, o topo nevado de Piton de Fournaise.

AVENTURA EM FAMÍLIA

A Expedição Oriente é liderada pelo capitão Wilfredo e vai reunir mais cinco membros da família Schurmann. Heloisa e o filho mais novo Wilhelm estarão presentes em toda a viagem, enquanto os outros dois filhos do casal, David e Pierre, e o neto Emmanuel (filho de Pierre) embarcarão apenas em parte da aventura.



Wilfredo Schurmann
Ex-economista e consultor financeiro, Wilfredo é presidente da Schurmann Produções Cinematográficas, palestrante e responsável pelos projetos educacionais do Instituto Kat Schurmann.



David Schurmann
Diretor e produtor cinematográfico e diretor/administrador da empresa Schurmann Produções Cinematográficas. É o responsável pelo planejamento e desenvolvimento da



Heloisa Schurmann
Professora de inglês, Heloisa é pesquisadora e escritora, responsável pelo conteúdo dos projetos globais e autora dos diários de bordo da família.



Pierre Schurmann
Empreendedor independente, criou e vendeu três empresas: Zeek!, Ideia.com e Experience Club. Atualmente é investidor em diversas empresas de tecnologia e internet.



Wilhelm Schurmann
Na Expedição Oriente, será o imediato a bordo do veleiro. Aprendeu a velejar de windsurfe aos 10 anos e, apaixonado pelo esporte, tornou-se atleta profissional.



Emmanuel Schurmann
Filho de Pierre, participa da sua primeira volta ao mundo ao lado dos avós Wilfredo e Heloisa. Para estar presente na aventura, dedicou-se durante dois anos a cursos náuticos.

EXPEDIÇÕES CHINESAS

Embora a fama das expedições marítimas que desbravaram o mundo nos séculos 15 e 16 seja da Europa, principalmente de Portugal, a China também teria um papel fundamental nas navegações. A teoria do oficial da marinha britânica Gavin Menzies vai além e diz que os chineses foram os precursores das grandes viagens de descobrimento e chegaram à América muito antes dos europeus, o que os levaria a ser os primeiros a circum-navegar o globo em gigantescas embarcações.

Outros tripulantes

Contando com os três Schurmann que vão participar somente de alguns trechos da viagem, no total 15 tripulantes passarão pelo veleiro. Também estarão a bordo: o chef de cozinha Ben Lieberbaum, o marinheiro Carlos Antonio da Silva, o coordenador de mídia, produtor e fotógrafo Eduardo

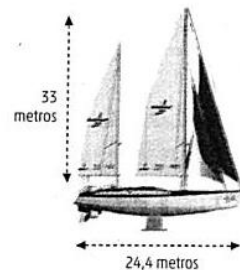
Talley, o operador de som e marinheiro Fabiano de Queiroz, o operador de elétrica e eletrônica e marinheiro Fernando Horn, a administradora financeira Gabriela Chimbo, o diretor de fotografia Gustavo Millet, o assistente de direção Heitor Cavalheiro e a administradora de Logística Natalie Ancieta.

O VELEIRO KAT

Tem sistemas para geração de energia limpa por quatro fontes diferentes. Conta com um sistema elétrico digital, 100% brasileiro, que substitui o tradicional analógico fabricado para veleiros e permite o controle de todas as funções da embarcação por um dispositivo móvel.

Captção de imagens

A embarcação tem paramotor para captação de imagens aéreas em locais remotos, RUV para captação de imagens e dados em águas profundas, internet de alta velocidade, IP streaming e telefonia 24 horas por dia.



Aproximadamente 67 toneladas

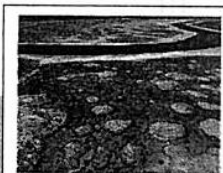
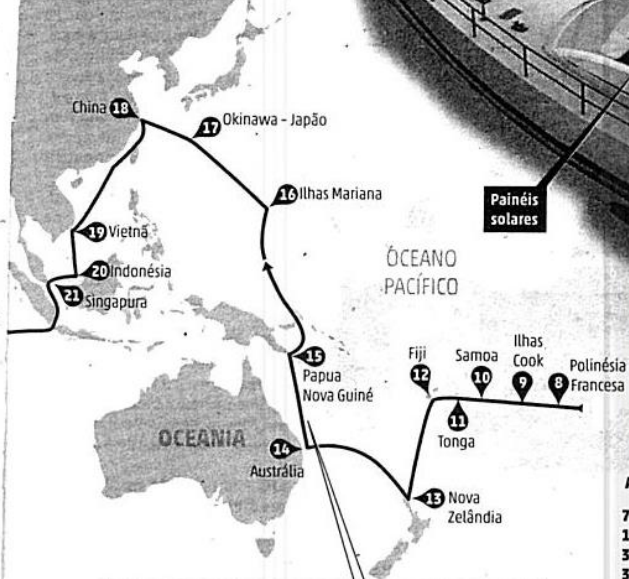
Bicicletas ergométricas com turbina

Dois hidrogeradores

Sistema de eólicos

6,65 m de largura

Painéis solares



Grande Barreira de Corais
Entre Brisbane, na Austrália, e Alotau, em Papua-Nova Guiné, há a grande barreira de corais, o maior sistema de recife de corais do mundo - com 2,3 mil quilômetros de extensão, podendo ser visto do espaço.

A ESTRUTURA



Sala maior para até 12 pessoas. É onde serão feitas as refeições e sala de reuniões.

Sala menor para cerca de 7 pessoas

7 cabines

16 camas

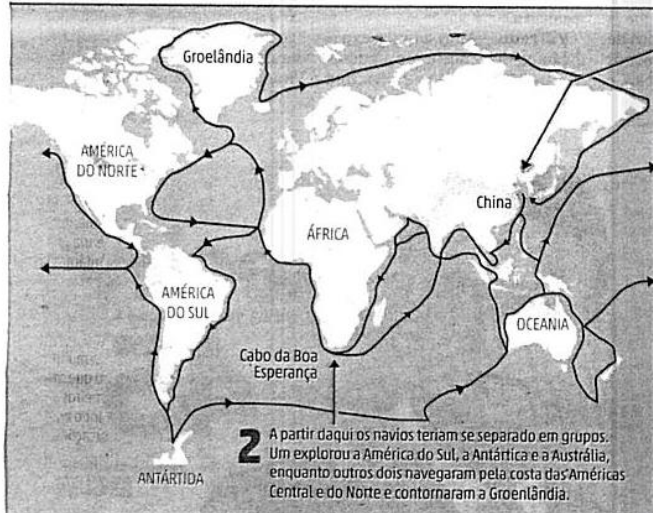
3 banheiros

3 chuveiros



Material reciclado

As forrações do motor e o isolamento térmico do forro são feitos de material reciclado. Modernos sistemas de reciclagem de resíduos e de dessalinização de água reduzem ainda mais o impacto no meio ambiente.



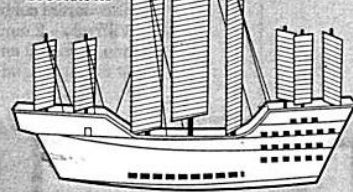
1

A frota de navios chineses teria descido o Oceano Índico até a Índia, navegado pelo Golfo Pérsico, costa oriental da África e contornado o Cabo da Boa Esperança.

Veleiro dos Schurmann



Embarcação chinesa do século XV



Entre 120 e 150 metros

HISTÓRIA

A Teoria 1421, de Gavin Menzies, defende que uma expedição chinesa comandada pelo almirante Zheng He, a mando do imperador Zhu Di, da dinastia Ming, partiu em uma volta ao mundo para provar o grande poder do império chinês. Teria chegado à América em 1421 - 71 anos antes de Cristóvão Colombo. Segundo Menzies, a viagem da China pelo

globo durou dois anos, mas a façanha se perdeu no tempo porque, ao retornar da viagem, Zhu Di perdeu o poder e a China entrou em um período de grande isolamento. Naquela época, toda a documentação histórica do país teria sido destruída, eliminando os rastros dessa provável conquista histórica.

ENTREVISTA | **VILFREDO SCHURMANN** Velejador

“É preciso ter emoção no que se faz”

ERICH CASAGRANDE
erich.casagrande@diario.com.br

Vilfredo Schurmann buscou realizar seus sonhos e escreveu uma história de aventuras junto a família. Expedições, aprendizados, viagens que transformaram o economista em aventureiro. Assim que terminou de fazer os últimos ajustes no veleiro Kat, que os levará em mais uma volta ao mundo, Vilfredo conversou por telefone e explicou que por trás de uma expedição há projetos, persistência e muito trabalho. A partir de hoje, ele comandará uma nova viagem, com uma equipe de 11 tripulantes, e tentará saciar algumas perguntas sobre a história das navegações. Mas antes de qualquer coisa, ele estará perto do mar e velejando – como deseja fazer até quando a saúde permitir.

DC – Como se faz para ser um aventureiro?

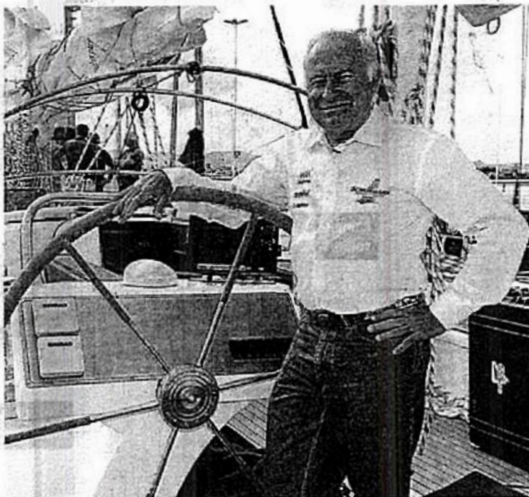
Vilfredo Schurmann – Na realidade, o que nós estamos fazendo qualquer um pode fazer. É como o chinês fala, é preciso dar o primeiro passo. Olhar lá na frente em termos de visão de futuro e não desistir. Como tem tempestades no mar, tem em terra também. Muita gente desiste na primeira tempestade. É preciso perseverança, em tudo que se faz. Há os que nos perguntam: “Poxa, eu tenho 50 anos, será que eu posso fazer?”. Claro que pode, só depende de você. As coisas começam pequenas e crescem na nossa vida. Nós tínhamos um barquinho pequenininho em Florianópolis onde mal cabiam três pessoas. Não precisa ter algo grande, o importante é ir aos poucos e fazer. Tem um caminho e é preciso muita energia para chegar lá.

DC – E toda essa energia vem de onde?

Vilfredo – Eu não sei. Primeiro que eu não estou sozinho, tem a Heloisa e meus filhos, toda a família. Mas sei lá. Muitos dizem “mas vocês são loucos, que negócio é esse de achar submarinos, de dar a volta ao mundo?” Eu eu digo, “por que não?”. “Porque é muito difícil, não tem dinheiro”, desculpas. Depois que você começa, se contagia e flui. É isso, é vontade de começar e fazer as coisas bemfeitas.

DC – E essa energia que faz as coisas darem certo?

Vilfredo – É também. O ser humano, tudo tem energia. Eu acho que é isso. Quando você coloca



Vilfredo trocou a vida de economista para se aventurar pelos oceanos

energia e acredita as coisas dão certo. Mas quando é mais ou menos, “eu acho que sim”, “não sei”, as coisas não vão. Ai diz “ah mas eu tentei!”. Tentou nada! Tem que tentar várias vezes. Tem uma pessoa que me contou que comprou o barco, fez um projeto e foi falar com duas empresas para pedir apoio, mas não deu certo. Eu disse: “Duas? Duas? Tu tens que ir em 40, 50 empresas antes de dizer que não deu certo”. Tem que ir até dar certo. Nesse projeto, e olha que já somos conhecidos, precisamos de dois anos para fechar os primeiros três apoios. Depois vieram mais, e cada uma ajuda como pode. Um fornece um serviço, outro ajuda fi-

nanceiramente. Mas não é fácil.

DC – Então além de energia é preciso acreditar?

Vilfredo – É preciso ter brilho nos olhos. É preciso viver, amar esse projeto que se tem. Se você não conseguir isso, vai perder. Para todas as perguntas que te fizerem sobre o projeto é preciso ter respostas. Se preparar. Viver, amar.

DC – Quando você percebe que está na hora de uma nova aventura?

Vilfredo – Após a outra expedição começamos a ter algumas ideias. Mas isso não é algo que surge de repente. Conhecemos o livro Gavin Menzies e decidimos

pesquisar e nos envolver nessa história. Nesse momento, em que se coloca sobre algo e se dedica energia, as coisas começam a fluir. As coincidências começam a aparecer. E aí, bem, é hora de trabalhar, porque irá acontecer. “Mas não tem dinheiro”, vamos atrás de apoio, “mas precisa disso”, vamos atrás disso. E nem tudo sempre deu certo, já tivemos projetos que não vingaram. Então é hora de mudar de vento e trocar de rumo. É preciso ter sensibilidade e conversar com quem está perto e sempre ter emoção em tudo que se faz.

DC – Em algum momento vocês pensaram em parar?

Vilfredo – Olha, se o homem lá em cima me der saúde, vou continuar. Mas mesmo velhinho, quero continuar nessa vida perto do mar.

DC – E em toda essa vida de expedicionário, o que mais te marcou até hoje?

Vilfredo – Foi na Polinésia Francesa, em 1991. Nós estávamos em uma festa e tínhamos que ir embora no dia seguinte. Tudo muito simples, festa de despedida. Ai chegou um senhor e perguntou por que eu estava triste. Fui evasivo e disse que estava tudo bem. Mas ele persistiu: “Eu sei que você está triste, o que aconteceu?”. “Tenho que ir embora”, eu respondi. E ele continuou dizendo que não, que eu não precisava ir, que eu podia ficar o quanto quisesse. E emendou: “Vocês ocidentais se preocupam demais com o amanhã, Vilfredo. Vivam mais e intensamente”.

SEGUE NA PÁGINA 14

NAVEGAÇÃO | VIAGEM PELO MUNDO

Historiadores divergem sobre teoria da volta ao mundo chinesa

THIAGO SANTAELLA
thiago.santaella@diario.com.br

Um dos principais pontos para defender a teoria de que os chineses foram os primeiros a dar a volta ao mundo é um mapa cartográfico de 1502. Séculos antes do mapeamento por satélite, que acerta com a precisão de centímetros as costas dos países, os desenhos dos navegadores que desbravaram rotas marítimas valiam ouro. Muito ouro.

O oficial da Marinha britânica Gavin Menzies, na obra 1421 - O ano em que a China descobriu o mundo, defende que, no famoso Mapa de Cantino - feito por um cartógrafo português anônimo em 1502 - já constam informações dos desenhos de espaços pouco explorados pelos portugueses, como a Índia e a costa oeste da África, e até de locais em que

eles nunca tinham chegado, como a área onde hoje é a Flórida, nos Estados Unidos. Em teoria, nesse ano ela nem tinha sido descoberta ainda.

Comprado pelo Duque de Ferrara por 12 ducados - uma moeda com 3,5 gramas de ouro -, o mapa era uma espécie de compilação de tudo que se sabia sobre as costas do Velho e do Novo mundo na Europa até aquele século. E a fonte, de acordo com Menzies, foi um veneziano que, residindo na Índia, teve contato com as informações cartográficas da frota chinesa.

SEGUNDO PESQUISADORES, VERSÃO NÃO TEM PROVAS

A professora doutora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora de História Antiga e Medieval, Aline Dias da Silveira, acredita que os

chineses tinham os avanços marítimos necessários para partir na empreitada da volta ao mundo. No entanto, não há nenhuma prova documental ou arqueológica que prove a viagem sustentada pela teoria de Menzies.

- Pode vir a ser descoberta, mas ainda não existe. O mais comum era os outros países quererem chegar à China - disse a historiadora, se referindo às riquezas do país, nos trajetos conhecidos como Rotas da Seda.

Em artigo, o também historiador Renato Pereira Brandão defende que a teoria de Menzies da vinda dos chineses à América pré-colombiana é oportuna, até como área de estudo. Mas ele descarta que as viagens da China tenham sido absolutamente necessárias para que Portugal tenha conseguido realizar suas grandes navegações, que levaram à colonização do Brasil e de outros países.



A família catarinense irá refazer a rota mencionada no livro de Menzies

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 20/09/2014

[Crítica: Desindustrialização no Brasil é precoce, avalia economista](#)

["Em 2015, serão mais de três mil bolsas de estudos"](#)

[Profissionais discutem alternativas para o trânsito próximo à UFSC](#)

Notícias dia 21/09/2014

[Universidades federais antecipam cotas, mas solicitam mais recursos](#)

[Universidades federais criam cotas e pedem mais verbas](#)